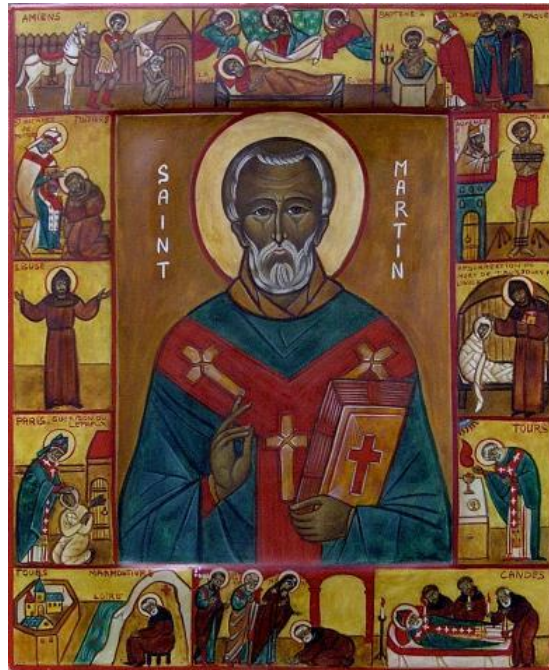


Sociedade das Ciências Antigas

***VIDA E OBRA DE
SÃO MARTINHO DE TOURS***



O PRIMEIRO CAVALEIRO

Para um cavaleiro é necessário somente um cavalo e uma espada? Ou seria necessário ser ordenado por outro cavaleiro? Sendo assim quem ordenou o primeiro cavaleiro? É claro que são perguntas simbólicas e com sua profundidade relativa no espírito para o qual a única ordenação verdadeira é a do Espírito Santo.

O texto que segue nada mais é que o resumo da obra de Claude-Henri Rocquet.

Uma obra baseada em estudos de historiadores, porém contada com tamanha beleza e profundidade à luz do Evangelho e do espírito que nos envolve, leva a refletir e acende nossos corações.

A HISTÓRIA DE SÃO MARTINHO CAVALEIRO E MONGE

São Martinho tornou catecúmeno aos 10 anos por sua própria vontade, já que seus pais mantiveram a crença nos seus deuses; aos 12 queria viver no deserto, porém seu pai que era um tribuno de Roma, para o qual o exército era sua própria vida, tanto que deu o nome ao seu filho em honra a Marte, deus da guerra e a lei, ordenou que seguisse a carreira militar. Aos 15 anos, antes mesmo da idade legal, seu pai o alista. Martinho torna-se soldado romano.

São Martinho nasceu em 316, na Panônia, às margens do Danúbio, na região da Sabaria, atual Hungria. Logo depois o Imperador Constantino fundará a nova capital do império. Por causa de um sonho, como diz a tradição, em que vê a cruz que lhe promete a vitória em uma batalha, o império se tornara Cristão e em 313, o Édito de Milão, cessa a perseguição e se inicia a Igreja como instituição, não somente religiosa, mas agora também política.

Entre os 18 e 20 anos de idade, Martinho é o *Circuitor*, ou seja, suboficial de ronda em Amiens, na Gália. Os oficiais de Roma eram todos Cavaleiros e Martinho era um deles.

Um dia, no final de sua ronda sob um dos mais rigorosos invernos, encontra encostado à muralha um pobre miserável com suas pernas e braços roxos de frio, morrendo. Martinho já havia dado suas moedas no caminho, mas podia ainda, como oficial, chamar um soldado para buscar algo que não deixasse o homem morrer de frio. Em um inverno como aquele, era muito comum encontrar vários miseráveis mortos congelados pela manhã.

Martinho toma então uma decisão diferente. Tira seu manto, puxa sua espada e o corta ao meio dando metade ao homem. Este será seu maior milagre.

O manto de um oficial romano, magnífica clâmide branca, quente vestimenta de pele de carneiro e lã, era bastante grande e grosso para cobrir dois homens; um soldado ou oficial usar trajes rasgados e dar objetos de uso militar a civis era considerado uma infração, contudo Martinho gozava de tamanho respeito e afeição de seus homens que isso não importava. Sua patente o obriga a ser servido por vários escravos, ele só aceita um, e o trata como igual ou na maioria das vezes é ele quem o serve.

Contam que sua paciência e humildade eram sobre-humanas e sua caridade sem limites. Outro Saint Martin seria assim, pregando as mesmas virtudes, quase 1500 anos depois na mesma Gália, tornada França, que Martinho vai evangelizar.

Tudo o que sabemos de São Martinho vem de *Sulpício Severo*. Eles se encontraram em Tours, o Bispo e o monge, já velho. Tornou-se seu filho espiritual e testemunho. Escreveu a *Vita Sancti Martini* enquanto o santo ainda era vivo e completou sua história com três Cartas e alguns Diálogos. Destas poucas paginas pouco sobrou, essencialmente o episódio do manto partilhado.

Como diz Rocquet em uma de suas frases cristalinas e brilhantes o homem de Deus e o pobre “se afastam pelas estradas da vida e as estradas se afastam” e poderia ter sido somente isso se Martinho não tivesse tido um sonho. Ele via Cristo. Alguém lhe diz: Olha! Olha bem! Cristo estava vestido com metade do seu manto e dizia com voz forte para a multidão anjos: “Martinho, que ainda é apenas um catecúmeno, me cobriu com esta roupa”.

Diz Sulpício Severo que esta visão não despertou orgulho humano em Martinho, mas o fez buscar o batismo. A verdade do que fazemos na penumbra terrestre está escrita no invisível. Às vezes um sonho a revela. Às vezes um anjo nos conta.

Na época de Martinho, e nos primeiros séculos, o batismo era celebrado no Natal ou, preferencialmente, na Páscoa. O catecúmeno encontrava-se com o Bispo e, caso este permitisse, começava então uma preparação de quarenta dias de retiro, prece, meditação, jejum e instrução. A comunidade inteira se unia ao catecúmeno e o próprio Bispo ministrava o ensinamento e presidia a passagem e a iniciação. Esta preparação de 40 dias é a provável origem da Quaresma e a orientação litúrgica para a Páscoa.

Após o batismo, Martinho permanece soldado por vinte anos. Ele teve que cumprir a lei e ficar até o término dos seus compromissos. Não há nada sobre ele desta época, apenas se imagina que ele vivia uma das maiores regras espirituais: deve-se crescer, florescer e frutificar onde se é semeado. Dizem que para cada dia basta seu mal, porém ele possuía a virtude da paciência e não teve outro projeto além de servir.

Até que o dia chegou. Os germânicos transpuseram o Reno e ameaçavam a Gália; Cesar Juliano move as tropas para a fronteira e param em Worms.

Segundo o costume, e para encorajar os homens que arriscam suas vidas, o César anuncia que será distribuído o *donativum*. É o sinal que Martinho esperava. Ele vai até César e diz:

- “César, eu o servi até este dia. Deixe-me agora a serviço de Deus. Que aquele que tem a intenção de ir para o combate, pegue o dinheiro das suas mãos. Eu sou soldado de Cristo e não posso combater”.

Ele esperava que um general cristão o compreendesse, contudo estava a frente de Juliano que seria no futuro o imperador lembrado como o Apóstata, já que tentou fazer Roma voltar ao paganismo.

Juliano o acusou de covardia e Martinho diz:

- “Se acredita que é por covardia que recuso e não por fidelidade a Cristo, amanhã, sem armas, sem escudo nem capacete, somente com a proteção do sinal da cruz e em nome do Senhor Jesus, eu enfrentarei as fileiras do inimigo com toda a segurança”.

Foi então acorrentado e preso para que cumprisse sua palavra. Em seu cárcere ele ora.

No sol da manhã, o inimigo envia seus parlamentares. Ele se rende. Não haverá batalha. Para Sulpício Severo este é o primeiro milagre de Martinho.

Deus nos fala através das horas da nossa vida se soubermos vive-las e compreendê-las e Deus não quis que Martinho morresse como mártir.

Livre do exército ele vai procurar Santo Hilário, Bispo de Poitiers, que se torna amigo e pai espiritual. Santo Hilário quer ordená-lo diácono e recusa. “Ele recusou várias vezes, clamando sua indignidade. E o Bispo, espírito profundo, compreendeu que a única maneira de engajá-lo seria confiar-lhe uma tarefa sem prestígio: insistentemente, propôs-lhe ser exorcista. Martinho, para não parecer que menosprezava a função por ser humilde demais, aceitou a ordenação”. Hoje, não viria a cabeça de ninguém a ideia de que o poder sobre os espíritos maus é uma função modesta.

Martinho inicia sua nova vida. Tudo o que ele faz de visível tem sua origem e significado no invisível. Ele é um Cavaleiro, carrega as armas do combate espiritual e desafiará o príncipe do mal.

Segundo Sulpício, algum tempo depois, ele tem outro sonho: recebeu a ordem de visitar, com pia solicitude, sua pátria e seus pais ainda cativos da religião pagã. Como foi chamado a conhecer nos outros e em si mesmo, as profundezas e os segredos da vida espiritual, Martinho conhece o significado dos sonhos e os respeita.

Hilário gostaria que ele ficasse em Poitiers (ele estava sob a ameaça do exílio por sua luta contra o arianismo e a sentença viria a se confirmar) porém nos conta Sulpício: “Ele partiu com o

consentimento de Santo Hilário, que, prodigalizando orações e lágrimas, primeiro o faz prometer voltar”.

Martinho parte com um saco nas costas e um bastão na mão em direção ao Danúbio. “Foi com um coração triste, segundo os que relatam, que ele empreendeu aquela longa viagem, após ter garantido aos seus irmãos que sofreria muitas provações: o tempo confirmou suas palavras”. O tempo da extrema solidão.

O TEMPO DA PROVA

Ele atravessa os Alpes. Não era o melhor caminho para se chegar a Panônia. Historiadores acreditam que Santo Hilário lhe havia incumbido de uma missão e uma mensagem: Levar consolo e doutrina aos Cristãos que resistiam ao arianismo.

A primeira prova descrita por Sulpício: “No meio dos Alpes, tendo se afastado da estrada, ele se depara com ladrões. Um deles levanta o machado sobre ele, mas outro segura seu braço. Ele amarra as mãos de Martinho atrás das costas, e o confia a um terceiro ladrão para que ele o despojasse e o vigiasse. O bandido leva-o à parte e o interroga. Quem é você? Martinho responde que é Cristão. Estás com medo? Martinho responde de maneira firme que nunca se sentiu tão seguro, pois sabia que a misericórdia do Senhor viria assistir-lhe na provação. Também disse que tinha mais dó daquele cuja profissão de ladrão privava da misericórdia de Cristo. E começa a expor a doutrina do evangelho e pregar palavra de Deus ao bandido. O ladrão aceitou e liberou Martinho, guiando-o até a estrada, e pediu que rogasse a Deus por ele. Este homem foi visto mais tarde vivendo como religioso: tanto que a história que acabamos de contar, segundo dizem, foi ouvida de sua boca”.

A segunda prova foi outro encontro mais terrível: Martinho, continuando sua jornada, havia passado por Milão quando o diabo, tomando a figura humana, veio até ele e lhe perguntou onde ia. – “Vou onde Deus me chama”, disse. O diabo responde – Onde quer que você vá, faça o que fizer, você sempre encontrará o demônio diante de você. Martinho respondeu com as palavras do profeta – “O Senhor está comigo, eu não temo. O que é que me poderá fazer um homem?”. E assim o inimigo desapareceu.

A terceira prova veio dos próprios Cristãos. A região que Martinho atravessava era ariana. Diz Sulpício Severo que em uma cidade da Ilíria, Martinho é praticamente o único a opor-se a fé corrompida dos bispos, ele foi maltratado, açoitado em público e expulso.

Martinho volta para a Itália e funda um eremitério perto de Milão. Auxêncio, bispo ariano o atormenta e o força a partir. Ele vai então para uma ilha do largo de Gênova, um deserto: Galinara, ilha povoada de galinhas selvagens. Vai acompanhado de um padre virtuoso cujo nome Sulpício ignora. Ele e seu companheiro vivem de raízes e sem saber, Martinho come heléboro e se envenena. Sulpício diz que ele se curou pela oração.

No edifício do tempo, Martinho ora sem descanso. Ora pelos mortos e pelos vivos que cruzou em sua vida. Ora por seu pai e sua mãe que não voltará a encontrar à luz deste mundo.

Foram quatro anos de viagens e provas até que retorna a Poitiers para a grande alegria de Santo Hilário, que permite que ele viva perto em uma antiga vila romana em ruínas chamada Ligugé perto do rio Clain, onde esperava acabar seus dias na solidão.

Tours estava sem bispo e a tempos Martinho escutava boatos de que lhe solicitavam, porém foi preciso astúcia e até força para tira-lo da solidão. Um certo Rustício joga-se aos seus pés implorando que cure sua mulher: pia mentira. Martinho acredita. Ele, que às vezes ouve e vê a distancia, não suspeita da armadilha. E enche-se de piedade. A caridade coloca uma venda em seus olhos.

Escondidos na estrada, os habitantes de Tours se apoderam dele. Na entrada da cidade uma enorme multidão o acolhe e o aclama. Martinho pensa em Hilário, ora e se entrega. Alguns se escandalizam com seu aspecto miserável, roupa suja e cordão na cintura. Eram os ricos e o poder da sociedade pressentindo a santidade. Ao povo isso pouco importa.

Martinho, porém, continuou vivendo na solidão de Ligugé, perto de Hilário. Ele ainda galgava o abrupto caminho de si mesmo até Deus. Às vezes abandonava seu recolhimento para se instruir com Hilário; às vezes este ia até ele meditar sobre as escrituras.

Após quatro anos da morte de Hilário ele ainda o vê como luz. Um catecúmeno pede para viver com ele e ele partilha sua solidão. Outros vieram e mais outros ainda constroem cabanas perto da sua. Às vezes, para ver Hilário ou estar só, ele se afasta. Em uma de suas ausências, um rapaz teve uma febre violenta e morreu sem batismo. Quando Martinho voltou, três dias depois, os irmãos velavam seu corpo. Então, diz Sulpício, ele correu chorando e gritando de dor. Mas com a alma repleta do Espírito Santo, fez com que todos deixassem a cela onde jazia o rapaz. Com as portas fechadas, ele se estende sobre os membros inanimados do irmão defunto. Depois de ter se recolhido algum tempo na prece, e o Espírito ter tornado sensível a presença da força de Deus, ele se ergueu um pouco, e como olhar fixo no olho do morto, esperou com absoluta confiança o efeito da prece e da misericórdia do Senhor. Duas horas se passaram. Ele viu o morto mexer pouco a pouco os membros e seus olhos se abrirem e piscar para rever o dia. Então voltando-se aos gritos para Deus, Martinho encheu a cela com seu clamor de ação de graças”.

E Sulpício acrescenta: “O catecúmeno recebeu o batismo em seguida. Ele viveu ainda muitos anos e foi o primeiro dentre nós a manifestar e testemunhar o poder de Martinho. Ele costumava contar que, quando deixou seu corpo, foi conduzido diante de um tribunal do Juízo, e ouviu o veredicto de relega-lo as trevas. Então, dois anjos disseram ao Juiz que ele era o homem por quem Martinho estava orando. Aqueles anjos haviam recebido ordens para reconduzi-lo e devolve-lo a Martinho, para que vivesse como antes. Foi a partir daquele dia que pela primeira vez o nome de Martinho se fez luminoso. Aquele que já o consideravam santo também o reconheciam como um homem poderoso e verdadeiramente digno dos apóstolos”.

Martinho agora em Tours, feito Bispo, conserva suas roupas e vive em uma cela contígua a igreja, mas, se tem que ouvir seus filhos e filhas, agora inúmeros, ele precisa ouvir Deus ainda mais. Encontra perto de Tours as grutas que serviram de esconderijo a *Gatiano*, primeiro Bispo de Tours, na época da perseguição. Ali será o mosteiro que mais tarde se chamará *Marmoutier*, que significa Grande Mosteiro.

Martinho penetra na Gália antiga e trava sua batalha contra uma terra ainda na sua maioria fiel aos deuses celtas, a religião dos Druidas, ha muito, um movimento de resistência chamado *bagaudes*. Martinho não faz sermão. Ele guerreia.

Diz Sulpício Severo: “Um dia em um certo vilarejo, ele havia acabado de destruir um templo muito antigo e começava a abater um pinheiro vizinho ao santuário. O sacerdote e a multidão de pagãos se opunham. Segundo a vontade de Deus, eles não se mexeram durante toda a destruição do templo, mas não suportaram que a árvore fosse cortada. Martinho tentou dizer-lhes

que aquele tronco não tinha nada de sagrado e que eles deviam seguir o Deus a que ele mesmo servia. Aquela árvore dedicada ao demônio precisava ser abatida.

Quando Martinho levou o machado à raiz do pinheiro alguém mais atrevido gritou: “Se você tem alguma confiança nesse Deus que declara adorar, nós mesmos cortaremos a árvore e você a pegará quando ela cair. Se o seu Deus está com você então você escapará”. Martinho aceita.

“Toda a multidão pagã concorda e sem pena resigna-se a perder a árvore, já que sua queda esmagará o inimigo do culto. E como o pinheiro inclina-se de tal modo que não pode duvidar do lado da sua queda, Martinho é amarrado segundo a vontade dos camponeses no lugar em que ele cairá. Os camponeses começam a cortar a árvore com extraordinária alegria. A multidão assombrada afasta-se. O pinheiro vacila, está a ponto de cair e os monges empalidecem, perdem a fé e esperam a morte de Martinho. Este, sem temor, espera confiante no Senhor. Quando o pinheiro estala pende e já está para cair em cima dele, Martinho ergue a mão e faz o sinal da cruz. Então, como impelida por uma tempestade, a árvore abate-se do outro lado, de tal modo que por pouco não esmaga os camponeses que tinham-se colocado em lugar seguro”.

O importante nesta narrativa de Sulpício Severo é o sentido do milagre: a conversão, a evangelização e a cruz. “Um clamor eleva-se e os pagãos ficam estupefatos, os monges choram de alegria, todos em uma só voz proclamam o nome de Cristo. Naquele dia, viu-se que a salvação chegou para aquela região, pois não houve quase ninguém que não pedisse a imposição das mãos e abandonasse o erro da impiedade para acreditar no Senhor Jesus. E é verdade que antes de Martinho ninguém daquela região, havia recebido o nome de Cristo. Mas a virtude e o exemplo de Martinho deram a elas tamanha força que não se encontra mais um só lugar que não esteja repleto de igrejas e eremitérios. Pois ali onde Martinho destruiu os templos, foram logo construídos mosteiros e igrejas”.

Outra vez, em outro templo, alguém levanta uma espada; Martinho oferece seu pescoço, porém o homem levanta demais o braço e cai sem poder atingi-lo. Em outra ocasião precisa se afastar tamanha a resistência e ora com tanta força que dois anjos vêm lhe visitar e ordenam que ele volte para destruir o templo que agora ele faz diante de um povo imóvel.

Perto de Tours, no seu retiro, nasce *Majus Monasterium*, hoje *Marmoutier*. Os irmãos foram chegando e em breve seriam oitenta monges. Martinho vivia em uma cela de madeira com muitos irmãos, mas muitos outros escavaram grutas de abrigo nas rochas. Martinho tinha também a sua, hoje chamada de Repouso de São Martinho. Um dia se feriu subindo, escreve Sulpício “Ele jazia inanimado em sua cela, torturado por dores terríveis. À noite, um anjo lavou seus ferimentos e o curou”.

Martinho torna-se um mestre espiritual, ainda que não haja nada escrito por ele. Martinho não acrescenta livros e mais livros. No entanto, Sulpício diz que sua palavra era bela, forte e cheia de fogo, o que representava uma verdadeira graça para um homem não letrado.

Uma carta de Martinho colocada sobre o peito de uma moça doente curou-a, mas o que dizia esta carta? Ninguém sabe.

Escrevia pouco, porém as pessoas se aproximavam dele quando estava orando, às vezes sem dizer nada, e suas fracas orações eram levadas pela força e pelo fogo da oração que Martinho fazia.

“Ó Bem Aventurado, nesse homem não existia mentira! Ele não julgava ninguém. Não dava a ninguém o mal em troca do mal. A paciência com que ele suportava todas as ofensas era

sem limites. Padre, Bispo e na plenitude do seu sacerdócio ele se deixava ultrajar pelo último dos clérigos sem o punir. Jamais privou as funções de um clérigo culpado, nem lhe tirou a ternura. Ninguém jamais o viu irado, nem perturbado, nem triste, nem às gargalhadas. Sempre o mesmo, o rosto iluminado por uma alegria que se pode dizer celeste, ele parecia de uma natureza diferente da natureza humana. Nunca houve em seus lábios senão Cristo e em seu coração a bondade, a paz e a misericórdia”. Comenta Sulpício Severo.

Sua natureza parecia ainda menos humana já que ele tinha uma porta para o invisível. Uma noite Sulpício e Gallus, ficaram de vigília na frente da porta de Martinho. Estavam ali há algumas horas, sentados, silenciosos quando tiveram a sensação de uma presença misteriosa, próxima, resplandecente. “A porta da cela estava fechada. Martinho não sabia que estávamos lá. De repente ouvimos o ruído indistinto de uma conversa. Fomos tomados por um arrepio de medo e estupor. Não podíamos nos esconder e algo de sobrenatural acontecia na cela”.

No dia seguinte confessaram a São Martinho sua presença e imploraram que lhes dissesse o que eram aquelas vozes. Martinho recusou-se a responder a principio, mas afinal lhes disse que recebera a visita de Santa Inês e Santa Tecla, virgens mártires, e de Maria mãe de Deus. Ele descreveu cada uma delas. Sua cela dava para o invisível.

Sulpício nos conta o segredo em simples palavras: “Jamais houve hora alguma, um único instante em que ele não se entregasse à oração ou à leitura. Mas em meio a sua leitura ou qualquer ato, jamais ele se descuidou do seu espírito ou da sua oração. Não há nada de extraordinário nisso: como o ferreiro que bate a bigorna no intervalo do seu trabalho, de certa forma para aliviar sua pena, Martinho orava sem parar, mesmo quando parecia estar fazendo outra coisa”.

Para Martinho ser monge e bispo é a mesma coisa. Ele veste sempre o mesmo hábito.

Um dia ele é confundido com um mendigo quando as mulas das carroças do fisco se assustam e os soldados se põem a baterem nele. Quando os monges o encontram ele está sangrando em uma vala. Não disse nada.

O que se segue é um milagre. As mulas empacaram. Alguém lhes conta que aquele que eles feriram é Martinho bispo de Tours e os carroceiros voltaram correndo atrás do santo para lhe pedir perdão. Com um gesto, Martinho liberou os animais.

Mesmo que o prefeito ou algum rico deixava um saco de dinheiro na porta do mosteiro para agradecer alguma cura, o dinheiro nem entrava, apesar dos protestos dos irmãos por um pouco para comprar roupas, ia direto para libertar prisioneiros.

Martinho ia para a Basílica vestido da mesma forma que ia para sua cela. Nunca ocupou a bela cátedra episcopal. Na sua cela seu único móvel era um banquinho junto com um braseiro para o inverno.

Chegava a Tours e se recolhia em oração por horas antes de celebrar a missa. Seus padres e diáconos recebiam os que precisavam de socorro: Deus dá ao homem por intermédio do homem. Um dia de inverno um pobre pede algo para vestir e ele confia a missão a seu arcediogo e se retira. Algum tempo depois retorna e o pobre reclama, pois o arcediogo tinha esquecido. Martinho entrega seu habito e o arcediogo tem que correr para comprar um pouco de algodão para vesti-lo para a celebração.

Já vestido, Martinho sobe ao altar. Dizem que nesse dia um globo de fogo brilhava sobre sua cabeça.

Tours era apenas uma das suas paróquias. Ele viajava, visitava, cuidava ou construía novas paróquias em lugares cada vez mais distantes. Diziam que ele parecia não dormir nunca. Séculos depois se acredita que todas as paróquias que levam seu nome foram fundadas por ele.

Quando o prefeito quis visitar o mosteiro com admiração sincera Martinho negou. Não queria que pensassem que bastasse ser rico ou poderoso para sentar à mesa com ele. Achava que o lugar do monge era na mesa dos pobres.

Às vezes era Martinho que procurava os poderosos. Quando o Imperador Valentiano, em Trier, não quis recebe-lo, prosternou-se e jejuou e orou sete dias e setes noites, sob cinzas e cilícios até que Deus lhe disse para erguer-se e entrar; então as portas os muros se abriram como se soprasse uma brisa, não havia nem um guarda sequer para detê-lo, e o imperador, que viera a seu encontro, cheio de surpresa e raiva, sentiu seu coração se desfazer e transformar. Martinho parecia envolto em uma luz sobrenatural.

Diz Sulpício Severo que Tours era governada por Aviciano, homem cruel. Um dia ele volta com um bando de prisioneiros *bagaudes*, está muito escuro para executa-los.

Alguém chama Martinho a meia noite e ele corre para o palácio. Ele chama e grita em vão. Então novamente prosterna-se e ora. Em seu sono Aviciano sente que um anjo o sacode “O servo de Deus está aqui, prosternado diante do seu castelo e você dorme”? O conde grita para seus servos, mas eles sem darem bola a seu sonho dizem que não há ninguém. Aviciano tenta dormir e o anjo “Martinho vela a sua porta por isso não pode fechar os olhos”.

Como ninguém o auxilia ele se levanta e vai até Martinho. Os homens estão livres. Martinho tem piedade do carrasco e da vítima.

A mulher deste homem pedira a Martinho que benzesse uma garrafinha de óleo para os doentes. O óleo transborda e não para de transbordar e escorrer pelo vidro e ninguém pode pegar no frasco sem ficar com a mão aromatizada por muito tempo.

Martinho cura Paulino de Nola de cegueira e o Santo torna-se seu pai espiritual. Paulino era um homem culto e muito rico. Casara-se com Terasa, espanhola também muito rica. Após um encontro com São Felix que lhes despertou a fé no nome divino eles se retiram do mundo e doam todos seus bens, vivendo como monges. Paulino é mais que amigo ou ainda quase irmão, de Sulpício Severo, mais novo e advogado muito rico também. Sulpício também resolve se retirar do mundo e com certeza foi Paulino quem indicou ele a São Martinho.

Após escrever Vita Martini e este ser um sucesso, ele teve um sonho. Em seu sonho Martinho abençoava seu livro e depois junto com seu discípulo Clair, que havia morrido fazia pouco tempo, avançava no céu que se abria. Quando acordou de sobressalto seu servo deu a notícia: Martinho morreu.

Os milagres de São Martinho foram muitos e tão espetaculares que sobreviveram ao tempo somente para reafirmar o quanto a alma deste homem era especial e o quanto a oração pode fazer por aquele que pede com humildade, paciência e amor.

Como Cristo nos disse: “Vocês farão milagres maiores que estes”. Além da ressuscitação do noviço, há relatos de que ele ressuscitou um escravo que havia se enforcado e outra criança em Chartres. Num dos portões de Lutécia, abraçou um leproso sem rosto e o curou. Pela prece salvou os marinheiros de um navio que estava afundando.

“A graça da cura”, diz Sulpício Severo, “era tão poderosa em São Martinho que praticamente nenhum doente se aproximou dele sem recuperar de imediato a saúde”.

A franja do seu manto, do seu cilício, uma carta escrita por ele, um pedaço de palha onde ele dormiu, às vezes tinha o poder de cura.

Em Trier ele devolve a vida a uma moribunda vertendo óleo, que havia benzido, em sua boca; ela se levanta e caminha firme em direção as testemunhas do milagre.

Possuía o dom de ouvir e ver as palavras e as coisas distantes ou futuras. Comanda a natureza. Desviou uma geada, apagou um incêndio. Comandou serpentes, pássaros e animais.

Comandava os espíritos do mal. Assim que punha seus pés fora de sua cela os demônios se faziam ouvir aqui e ali em seus possessos. Para seus clérigos este era o aviso que Martinho estava vindo.

Lutava contra a superstição. Perto de Tours e do mosteiro havia um lugar que era considerado santo. Todos diziam que era a sepultura de um mártir e ele não invalidou o culto, mas teve o cuidado de não incentiva-lo. Conta Sulpício: “Um dia, no entanto, ele foi até lá com algum de seus irmãos. Em pé, em cima do tumulo, ele orou e pediu ao Senhor que lhe revelasse quem estava sepultado ali e quais eram seus méritos. Então, à sua esquerda, ele viu erguer-se uma sombra abjeta, feroz. Ele a mandou dizer seu nome e o que fora a sua vida. A sombra disse seu nome e confessou seus crimes. Era um bandido que tinha sido executado e erroneamente era venerado pelo povo”.

Lutava contra o mal. Via suas sombras, faces e imagens e os exorcizava. São vários os relatos de Sulpício. Em sua cela às vezes podia se ouvir injurias do demônio que São Martinho mandava embora orando e fazendo o sinal da cruz.

O ultimo milagre relatado por Sulpício, em uma das cartas é o incêndio. Mesmo no inverno ele viajava visitando suas paróquias. Em uma delas, uma construção romana com aquecimento sob o solo por um forno, os padres lhe preparam uma cama de palha, porém ele não quis e jogou longe a palha. A meia noite a palha pegou fogo e ele acorda de sobressalto, corre para a porta, mas não consegue destravar o ferrolho. O fogo o cerca e já atinge suas roupas. Ele, então, se prosterne e começa a orar, confiando sua vida a Deus e o fogo não pode mais lhe fazer mal. Os monges conseguem entrar pensando em encontra-lo em cinzas depois de tanto tempo. Martinho ainda se lamenta que os ardis do demônio o houvessem enganado por que ele tentou fugir quando tudo que precisava era orar.

Havia um monge em Marmoutier que sempre zombava deste caso. Seu nome era Bricio e como diácono era ruim. Como padre, pior ainda; odiava Martinho e embora o monge possuía cavalos e servos. Martinho o repreende.

Martinho sempre o aguentou sem raiva e sempre que perguntavam por que não afastava um padre tão ruim, dizia: “Jesus suportou Judas e eu não poderei suportar Bricio?”

Um dia revelou que Deus disse que este mesmo padre o sucederia. “Sim, Bricio, você será bispo depois de mim. Você terá de sofrer muito”. Bricio mal consegue conter o riso. Ele que seria o futuro São Bricio.

São Martinho prevê a própria morte em 8 de Novembro de 397, em Candes; sofreu terrivelmente e orou sem cessar. Os monges tentaram aliviar seu sofrimento trocando o cilício por cobertores ao que ele diz: “Antes me deixem olhar o céu que a terra, para que no momento em que partir para o Nosso Senhor minha alma siga pela estrada certa”.

Disse ainda: “Besta cruel! Besta sangrenta! Não há nada aqui para você! Eu estou no seio de Abraão” e expira. Seu rosto, dirão as testemunhas, era o de um anjo. Seu corpo estava luminoso e foi colocado em uma barca no rio Vienne enquanto às margens todos choram.

O SONHO DE SANTO AMBRÓSIO

Ambrósio de Milão adormece durante uma homilia. Seu sono se prolonga. O ofício precisa ser retomado e o bispo dorme. Quando afinal o acordam ele diz: “Por que me acordaram? Martinho acabou de deixar este mundo e eu o vi na luz da corte celeste. Vi quando ele entrou na glória divina. Vi quando Jesus o acolheu. Eu participava da cerimônia e participava da festa. Por que me acordaram? Martinho acabou de nascer no céu”.

A festa de São Martinho é dia 11 de Novembro, dia do seu sepultamento em Tours.

FIM